

Da Razão ao Vazio: A Crise de Sentido na Sociedade Líquida e de Consumo

From Reason to Emptiness: The Crisis of Meaning in Liquid and Consumer Society

De la razón al vacío: La crisis de sentido en la sociedad líquida y de consumo

Wellington da Silva Rodrigues¹, Eliane Ramos Pereira², Rose Mary Costa Rosa Andrade Silva³

Como citar esse artigo. Rodrigues, WS. Pereira, ER. Silva, RMCRA. Da Razão ao Vazio: A Crise de Sentido na Sociedade Líquida e de Consumo. Rev Pró-UniverSUS. 2025; 16(4):64-70.



Resumo

O presente estudo aborda a crise de sentido na sociedade contemporânea, partindo do problema central da emergência e exacerbação do vazio existencial. Este fenômeno, formalizado por Viktor Frankl como a neurose noogênica, tem suas raízes na ascensão da racionalidade e do Humanismo. O objetivo principal desta pesquisa é analisar como a busca por preenchimento desse vazio se manifesta nas estruturas sociais pós-modernas. A metodologia consistiu em uma análise teórica interdisciplinar, ancorada em referenciais da Sociologia e Filosofia Contemporânea, especialmente as obras de Byung-Chul Han, Zygmunt Bauman e Gilles Lipovetsky. Os resultados demonstram que o vazio é estruturado pela sociedade de desempenho, onde a autoexploração e a multitarefa levam ao esgotamento, e pela modernidade líquida, na qual o narcisismo fragiliza as relações. A busca incessante por identidade e satisfação no consumo e no doping social apenas evidencia e perpetua o vazio. Conclui-se que a superação desse ciclo exige uma redescoberta de sentido que transcenda o imperativo da produtividade e do consumo.

Palavras-chave: Vazio Existencial; Crise de sentido; Narcisismo; Modernidade Líquida; Consumismo; Sociedade de Desempenho.

Abstract

This study addresses the crisis of meaning in contemporary society, starting from the central problem of the emergence and exacerbation of existential emptiness. This phenomenon, formalized by Viktor Frankl as noogenic neurosis, has its roots in the rise of rationality and Humanism. The main objective of this research is to analyze how the search for filling this void manifests itself in postmodern social structures. The methodology consisted of an interdisciplinary theoretical analysis, anchored in references from Contemporary Sociology and Philosophy, especially the works of Byung-Chul Han, Zygmunt Bauman, and Gilles Lipovetsky. The results demonstrate that emptiness is structured by the performance society, where self-exploitation and multitasking lead to exhaustion, and by liquid modernity, in which narcissism weakens relationships. The incessant search for identity and satisfaction in consumption and social doping only highlights and perpetuates the emptiness. It is concluded that overcoming this cycle requires a rediscovery of meaning that transcends the imperative of productivity and consumption.

Key words: Existential Emptiness; Crisis of meaning; Narcissism; Liquid Modernity; Consumerism; Performance Society.

Resumen

Este estudio aborda la crisis de sentido en la sociedad contemporánea, partiendo del problema central del surgimiento y la exacerbación del vacío existencial. Este fenómeno, formalizado por Viktor Frankl como neurosis noogénica, tiene sus raíces en el auge de la racionalidad y el humanismo. El objetivo principal de esta investigación es analizar cómo la búsqueda de llenar este vacío se manifiesta en las estructuras sociales posmodernas. La metodología consistió en un análisis teórico interdisciplinario, fundamentado en referencias de la sociología y la filosofía contemporáneas, especialmente en las obras de Byung-Chul Han, Zygmunt Bauman y Gilles Lipovetsky. Los resultados demuestran que el vacío está estructurado por la sociedad del rendimiento, donde la autoexplotación y la multitarea conducen al agotamiento, y por la modernidad líquida, en la que el narcisismo debilita las relaciones. La incesante búsqueda de identidad y satisfacción en el consumo y la interacción social no hace sino acentuar y perpetuar el vacío. Se concluye que superar este ciclo requiere un redescubrimiento del sentido que trascienda el imperativo de la productividad y el consumo.

Palabras clave: Vacío existencial; Crisis de sentido; Narcisismo; Modernidad líquida; Consumismo; Sociedad del rendimiento.

Afiliação dos autores:

¹Discente (Mestrando em Ciências do Cuidado em Saúde) Instituição: Universidade Federal Fluminense (UFF) Endereço: Niterói - Rio de Janeiro, Brasil E-mail: well.rj.psi@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-6415-319X>

²Docente permanente dos Programas de Pós-Graduação Doutorado e Mestrado em Ciências do Cuidado em Saúde (PACCS) e do Mestrado Profissional em Ensino na Saúde (MPES). Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, RJ, Brasil. Enfermeira. Psicóloga. Professora Titular da UFF. Pós-Doutorada. Doutora em Enfermagem. E-mail: elianeramos.uff@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6381-3979>

³Docente permanente dos Programas de Pós-Graduação Doutorado e Mestrado em Ciências do Cuidado em Saúde (PACCS) e do Mestrado Profissional em Ensino na Saúde (MPES) Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, RJ, Brasil. Enfermeira. Psicóloga. Filósofa. Professora Titular da UFF. Pós-Doutora em Psicologia Social. Doutora em Enfermagem. Doutora em Filosofia. E-mail: roserosauff@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6403-2349>

E-mail de correspondência: well.rj.psi@gmail.com

Recebido em: 16/11/25 Aceito em: 27/11/25

Introdução

A história da civilização ocidental é marcada por transformações que deslocaram o eixo do sagrado para o humano e, posteriormente, para o econômico. Da teologia medieval ao pensamento racionalista moderno, o homem buscou emancipar-se do divino, acreditando que a razão, a ciência e o progresso poderiam garantir-lhe plenitude e sentido. No entanto, a substituição da fé pela racionalidade não supriu o anseio por transcendência, ao contrário, instaurou uma crise de sentido que se aprofunda à medida que a sociedade se torna mais técnica, veloz e produtivista¹.

Entre os séculos XIV e XVIII, movimentos como o Renascimento, o Humanismo, a Reforma Protestante e o Iluminismo deslocaram o foco da realidade de Deus para o homem, inaugurando uma era de autonomia intelectual e científica. A religião perdeu seu monopólio sobre a verdade, e o saber racional passou a ser o novo critério de legitimidade. Nesse contexto, pensadores como Copérnico, Galileu, Darwin e Kant alteraram profundamente a autopercepção humana: a Terra deixou de ser o centro do universo; o homem deixou de ser imagem do divino e tornou-se resultado de processos naturais; e a consciência, antes livre, foi reinterpretada como produto de impulsos inconscientes, como sustentou Freud².

Essas rupturas ontológicas deslocaram o homem do centro simbólico e espiritual da existência, instaurando uma sensação de vazio e insignificância cósmica. O progresso científico apoiado na racionalidade, laicidade e autonomia, rompeu com a Igreja e seus dogmas e, ao mesmo tempo que libertou o homem, também o isolou. O advento do capitalismo industrial e da sociedade de consumo acentuou essa condição, transformando o indivíduo em peça produtiva e o desejo em motor econômico³⁻⁴.

O presente artigo busca compreender como a crise de sentido, inaugurada como a racionalidade moderna, se manifesta no vazio existencial contemporâneo. A perda de valores transcendentais, que transformou a liberdade em angústia, foi formalizada no século XX por Viktor Frankl. Sobrevivente dos campos de concentração, Frankl desenvolveu a Logoterapia e descreveu o vazio existencial como um fenômeno espiritual, resultante da ausência de sentido e propósito na vida⁵.

No contexto da pós-modernidade, o vazio é exacerbado e transformado pelas dinâmicas sociais da época. Byung-Chul Han denuncia a sociedade do cansaço, onde a cultura da multitarefa e o imperativo de desempenho levam à autoexploração e rechaçam o ócio e a contemplação. Paralelamente, Gilles Lipovetsky identifica a ascensão do narcisismo e do hedonismo permissivo, nos quais a hipertrofia do eu, gera relações superficiais, regidas pela lógica do

mercado. Por fim, Zygmunt Bauman complementa essa crítica ao descrever a modernidade líquida, um sistema em que o consumismo invade as interações humanas, transformando as relações em meras conexões frágeis e descartáveis. Analisando as obras de Frankl, Han, Lipovetsky e Bauman, este estudo percorre o itinerário histórico da perda de sentido para refletir sobre os impactos da cultura da efemeridade e do consumo na construção do vazio humano⁵⁻⁶⁻⁷⁻⁸.

O objetivo principal desta pesquisa é analisar como a busca por preenchimento desse vazio se manifesta nas estruturas sociais pós-modernas. Para tanto, a análise teórica interdisciplinar realizada se dedica a examinar o modo como o vazio é estruturado pela lógica da sociedade de desempenho e pela fragilização dos vínculos na modernidade líquida e no narcisismo. Em última instância, o estudo visa demonstrar que a busca incessante por satisfação e identidade no consumo apenas evidencia e perpetua o vazio, concluindo que a superação desse ciclo exige uma redescoberta de sentido que transcenda o imperativo da produtividade e do consumo.

Metodologia

A metodologia empregada no presente artigo consistiu em uma análise teórica interdisciplinar, de caráter qualitativo, que buscou investigar a crise de sentido na sociedade contemporânea e a emergência do vazio existencial.

O estudo foi rigorosamente ancorado em referenciais da Sociologia e Filosofia Contemporânea, estabelecendo um diálogo crítico entre autores que diagnosticam as estruturas da pós-modernidade. A base teórica principal incluiu as obras de Byung-Chul Han, para analisar a sociedade de desempenho e a autoexploração; Zygmunt Bauman e Gilles Lipovetsky, para discutir os fenômenos da modernidade líquida, do narcisismo e do consumismo; e o trabalho seminal de Viktor Frankl, que formalizou o vazio existencial como neurose noogênica.

O percurso analítico foi concebido para traçar o itinerário histórico da perda de sentido, desde o advento da racionalidade e do Humanismo, até a manifestação do vazio nas dinâmicas sociais atuais, como a autoexploração, o consumo incessante e a fragilização dos vínculos.

Resultado e Discussão

A compreensão do vazio existencial contemporâneo exige uma análise crítica da trajetória da cultura ocidental e de suas transformações sociológicas. Historicamente, a gênese dessa crise de sentido remonta

à Modernidade, quando a razão ascendeu ao posto de valor supremo e, gradualmente, deslocou o eixo teocêntrico. O Humanismo, ao colocar o homem no centro, paradoxalmente o isolou, uma condição agravada pelas revoluções científicas (Copérnico, Darwin) e filosóficas (Marx, Freud) que fragmentaram as grandes narrativas e destituíram o ser humano de qualquer valor intrínseco. Essa perda de referências fixas e a solidão inerente à liberdade conquistada formalizaram a crise de sentido².

Neste contexto, o psiquiatra Viktor Frankl, fundador da Logoterapia, identificou o vazio existencial como uma “neurose noogênica”, uma patologia espiritual resultante da frustração da vontade de sentido, a principal força motivadora humana. Para Frankl, a busca por preenchimento desse vazio manifesta-se em comportamentos destrutivos ou depressivos, exigindo a redescoberta de um propósito que transcenda a esfera do utilitário e do imediato⁵.

Na contemporaneidade, a manifestação desse vazio é profundamente remodelada pelas estruturas da Pós-Modernidade. O filósofo Byung-Chul Han diagnostica a transição para a “sociedade de desempenho”, onde o indivíduo é impulsionado a uma lógica de autoexploração. O imperativo da produtividade e a cultura da multitarefa, que simulam um estado de constante vigilância selvagem, rejeitam o ócio e a contemplação. Nessa corrida incessante, a exaustão culmina na “sociedade do doping”, onde a química é requisitada para sustentar uma performance insaciável, expondo, em última análise, a falência da “sociedade do vazio”¹.

Essa dinâmica é inseparável do capitalismo contemporâneo. Gilles Lipovetsky identifica a ascensão do narcisismo e do hedonismo permissivo, onde a hipertrofia do eu gera a superficialidade emocional. O olhar voltado para o próprio prazer e a busca pela autonomia afetiva tornam os laços frágeis. Complementando essa crítica, Zygmunt Bauman conceitua a “modernidade líquida”, um contexto em que o consumismo transcende a esfera material, invadindo as relações. O “amor líquido” é a síntese de vínculos que se tornam mercadorias, facilmente substituíveis e descartáveis. Assim, o medo da vulnerabilidade e a busca incansável por uma identidade maleável e consumível perpetuam um ciclo de insatisfação, no qual o esforço frenético por preenchimento é a maior prova da permanência do vazio existencial⁶⁻⁸.

Os Golpes da Essência Humana

A transição da Idade Média para a Modernidade representou uma profunda mudança de paradigma: o homem substituiu Deus como centro do universo simbólico. O Humanismo renascentista, ao exaltar a dignidade humana, iniciou um processo de secularização do pensamento, posteriormente consolidado pelo

Iluminismo, que elevou a razão ao estatuto de única via legítima de conhecimento¹⁻⁴.

A ciência moderna, impulsionada por avanços como o modelo heliocêntrico de Copérnico e as descobertas de Galileu, destituiu a cosmologia teocêntrica. Mais tarde, com Charles Darwin, a teoria da evolução desfez a ideia de criação divina direta, posicionando o homem como parte do *continuum* biológico. A psicanálise freudiana completou esse movimento ao afirmar que o indivíduo não é senhor de si, mas governado por pulsões inconscientes⁹⁻¹⁰.

O filósofo Immanuel Kant, ao propor a autonomia da razão prática, consolidou o ideal de emancipação intelectual: o homem deveria sair de sua “menoridade”, isto é, da dependência de autoridades externas, e pensar por conta própria. Essa revolução do pensamento, contudo, teve como efeito colateral a fragmentação espiritual — o homem moderno, autônomo e racional, encontrou-se também solitário e sem amparo transcendental⁴.

O avanço da ciência e da técnica promoveu a substituição do discurso religioso pelo discurso econômico. O capitalismo industrial, surgido na Inglaterra do século XVIII, transformou o trabalho e o capital em novos absolutos. A religião, foi substituída pela promessa do progresso material. Contudo, como observou Karl Marx, essa promessa continha uma contradição: o capitalismo produz alienação, convertendo o trabalhador em extensão da máquina e sua consciência em mercadoria. O escape do sofrimento encontrado na religião, permitia o trabalhador a continuar sem se opor violentamente. Uma sociedade ideal, na concepção marxista, é uma sociedade sem exploradores, nem explorados e conseqüentemente, sem a religião¹¹⁻¹².

Ao mesmo tempo, no século XIX e primeira metade do século XX, a psicanálise e a biologia moderna mostraram que o homem não é o centro do universo e nem de si mesmo — é parte de um sistema biológico e psíquico que o transcende. Essa sucessão de “golpes no ângulo humano”, desfez a antiga imagem do homem como criatura privilegiada, inaugurando um sentimento de desamparo e vazio. Assim, a racionalidade que deveria libertar o homem acabou por expô-lo à experiência da falta. Ao afastar o divino e absolutizar o eu, a modernidade construiu as bases da crise existencial que, séculos depois, se manifestará em novas formas de sofrimento: o consumismo, o narcisismo e a solidão líquida¹⁰⁻¹³.

O Vazio

O conceito de vazio acompanha a história da filosofia desde a Grécia Antiga, mas adquire nova densidade a partir do século XX, com o desenvolvimento da Logoterapia de Viktor Frankl. Sobrevivente dos campos de concentração nazistas, observou que, mesmo

em condições extremas, o ser humano continua movido pela busca de sentido. Quando esse sentido se rompe, instaura-se o vazio existencial — uma sensação de desorientação, tédio e perda de finalidade¹⁰.

O vazio é um fenômeno espiritual, não apenas psicológico, nasce quando o homem, privado de valores transcendentais, não encontra motivos para viver. Essa perda de sentido, típica do século XX, resulta da secularização progressiva e do individualismo moderno. A liberdade sem direção, celebrada pelo Iluminismo, transformou-se em peso e angústia⁵⁻⁴.

Em diálogo com a filosofia existencialista, Jean-Paul Sartre também compreende o vazio como efeito da liberdade radical: o homem é condenado a escolher, e cada escolha exclui infinitas outras possibilidades, gerando uma ausência permanente. Diferente dos animais, a consciência da finitude presente no homem e a incapacidade de preencher plenamente o ser conduzem à sensação de falta e incompletude¹⁴.

O vazio existencial, portanto, é a herança de um mundo tendencioso à concepção de que Deus morreu — como anunciara Nietzsche — e nenhuma nova referência de sentido foi capaz de ocupar seu lugar. O homem moderno, liberto de amarras, passa a enfrentar a vertigem da própria liberdade. Viktor Frankl descreve essa condição como “neurose noogênica”: a doença do sentido, marcada pela apatia, pelo desinteresse e por comportamentos autodestrutivos. Para o autor, esse tipo de neurose exige a redescoberta de um sentido que transcenda o imediato e o utilitário¹⁵⁻¹⁶.

Na contemporaneidade, essa falta de sentido se manifesta de modos sutis: o consumo desenfreado, o uso abusivo de substâncias psicoativas, a dependência tecnológica e a necessidade constante de distração. O indivíduo busca preencher a ausência interior com objetos, imagens e estímulos, mas quanto mais consome, mais se distancia de si mesmo. Trata-se de uma dinâmica circular, em que o vazio se retroalimenta. Frankl defende que a superação do vazio só é possível pela redescoberta de um sentido existencial — algo que transcenda o imediato e o utilitário. Essa busca, porém, contrasta com a lógica da sociedade atual, estruturada sobre a produtividade, a velocidade e a performance. (Frankl, 2011).

A sociedade atual deseja a todo momento ser independente, ignorar tradições, apagar o passado e explorar ao máximo seus desejos narcisistas. Os animais possuem instinto e seguem sempre o mesmo padrão, o homem tem consciência e toma decisões com liberdade, se apoia na moral, na lógica e na ciência. Os valores foram deixados de lado e como consequência, percebemos a evolução das massas. Uma rota singular, conformismo social, totalitarismo político, influência midiática numa perspectiva em que poucos falam e muitos seguem. A massa caminha rumo a orientação de poucos, sem saber para onde ir, pessoas vazias

que caminham cheias de pensamentos do outro, sem identidade própria, só restam para elas um trilhar sem objetivo claro pré-estabelecido⁵.

O Cansaço

A pós-modernidade é marcada pela substituição da negatividade pela positividade, vivemos sob o imperativo da produtividade. Segundo Byung-Chul Han, a sociedade do cansaço nasce do excesso de estímulos e da exigência de desempenho constante. O sujeito contemporâneo não é mais coagido por um dever, mas seduzido pela ideia de que pode tudo — e essa aparente liberdade se transforma em exaustão e vazio. A multitarefa, a pressa e o medo da inatividade se tornaram virtudes sociais. A contemplação e o ócio, essenciais à criatividade e à saúde psíquica, passaram a ser vistos como perda de tempo. Nessa lógica, o indivíduo torna-se prisioneiro da própria produtividade, buscando preencher a vida com ocupações que apenas disfarçam sua falta de propósito⁷.

A cultura da positividade radical estimula o desempenho e o autocontrole, mas reprime a vulnerabilidade e a reflexão. Ao negar a fadiga, o tédio e o limite, o sujeito pós-moderno perde o contato com o real e com o próprio corpo. Ao contrário das sociedades disciplinares descritas por Foucault, a sociedade contemporânea é uma sociedade de autoexploração: o sujeito explora a si acreditando ser livre⁷.

O conforto e a segurança oferecidos pelos centros urbanos oriundos da ciência moderna são, na prática, meramente teóricos. O homem, ao viver em sociedade, comporta-se de maneira similar a um animal na natureza, onde a selvageria está sempre próxima. Tal como os animais selvagens que precisam estar intensamente atentos a diversas tarefas simultaneamente — por exemplo, ter a refeição acompanhada da vigilância constante para não serem devorados ou ter sua prole exterminada por um predador — o modo de vida selvagem adentrou os espaços humanos. Na sociedade atual, a humanidade dispersa sua atenção em múltiplas tarefas, vivendo sob uma pressão constante, como se pudesse ser ‘devorada’ a qualquer momento pelo ritmo e pelas ameaças do cotidiano⁷.

Numa sociedade de produção, a contemplação foi gradualmente eliminada do imaginário social, e aqueles que a praticam são frequentemente vistos como improdutivos e rejeitados em seu ócio. A velocidade da sociedade atual, não abre margem para a respiração calma, controlada, nem para o descanso ou o tédio. A rapidez de informações e atividades realizadas dia após dia, impede o homem de contemplar o belo e até mesmo de olhar para o seu interior. A criatividade surge do ócio, ao longo da história mentes brilhantes produziram pouco material de qualidade em sua vida inteira, diametralmente oposto, hoje todos produzem muito em quantidade e pouquíssimo em qualidade.

O repouso se tornou sinônimo de vagabundagem e a contemplação, semelhante ao desperdício de tempo. A atualidade aplaude a doença e quem tem mente sã, é visto como louco⁷.

Isto se soma a lógica do consumo, que redefine a subjetividade moderna. O que antes era uma relação com objetos tornou-se um modo de construir identidade, pois o ter substituiu o ser, e o consumo converte-se em experiência simbólica de pertencimento. O desejo é estruturalmente insaciável: toda satisfação é efêmera e logo substituída por outra, assim, o consumidor vive em permanente estado de carência, condenado à busca incessante por algo que o complete⁶⁻⁷.

O vazio existencial impulsiona a sociedade em uma busca incessante por preenchimento, levando as pessoas a uma corrida contínua por algo que lhes traga satisfação e completude. Constantemente, indivíduos esgotam suas energias em multitarefas corriqueiras, mas percebem que isso não é suficiente. O sujeito contemporâneo tenta escapar da dor e do cansaço através da ‘hiperatividade’ e da medicação, mas acaba aprisionado num ciclo de dependência emocional e química. Assim, inaugura-se a sociedade do ‘doping’, onde a busca por espetáculo se manifesta na dependência da química farmacêutica. Remédios são prometidos para gerar ‘hiper foco’, visando sustentar uma ‘hiper vida’ que, paradoxalmente, permanece vazia e sem sentido. Antigamente, a droga era vista com cautela devido aos efeitos colaterais; hoje, certos medicamentos não são apenas auxiliares, mas proclamados como obrigatórios em diversas situações. Aqueles que não se rendem integralmente à indústria farmacêutica são vistos como atrasados nesta corrida fictícia por preencher o vazio. Esta é uma falha tentativa de criar a sociedade do desempenho, que, no fim, apenas reexpõe a subjacente sociedade do vazio⁷.

Nesse contexto, a sobriedade torna-se um mito em um mundo incrivelmente disposto a nos dopar de diversas formas. Além dos medicamentos e do álcool, existem inúmeros meios de embriaguez intelectual capazes de nos afastar do real, como a imersão na televisão ou no *smartphone*. Qualquer estímulo que nos retire do momento presente e nos teletransporte para outro local mental apenas evidencia a possibilidade de um vazio interior. Afinal, em uma possível completude, não haveria a necessidade de buscar incessantemente a embriaguez para a fuga¹³.

O cansaço é visível e a dor é uma consequência inevitável dessa pressão social. A negatividade foi extinta do discurso, pois a mídia impõe um padrão mentiroso e inalcançável que a massa persegue incessantemente. Essa é uma corrida em círculos sem fim, na qual um belíssimo desempenho externo é acompanhado por um terrível fracasso interno. A solidão grita em silêncio, interrogando o indivíduo que se encontra isolado, longe de tudo e de todos, evidenciando o seu caos solitário⁷.

Essa sociedade atual se assemelha de forma marcante ao evento da Corrida Maluca, descrita no conto Alice no País das Maravilhas, do poeta e matemático Lewis Carroll. Nela, os personagens correm em círculos, partindo de pontos aleatórios, sem início, meio ou fim pré-determinado. Ao final da corrida, ninguém sabia quem havia vencido, mas todos estavam cansados e exigiam premiações por correrem sem objetivo e sem jamais terem compreendido o propósito da atividade¹⁷.

Narcisismo e Liquidez Nas Relações

Em todas as épocas, é possível realizar um “raio-x” social para compreender o comportamento de uma civilização, muitas vezes atrelado a mitos e figuras lendárias, como as do mundo grego antigo. A partir da segunda metade do século XX, por exemplo, a sociedade passou a cultivar e se espelhar no mito de Narciso. Se no século anterior o capitalismo se manifestava como um regime econômico autoritário, neste presente século, ele se transformou em um sistema de exacerbado hedonismo permissivo. Nesse movimento, o olhar voltou-se inteiramente para o próprio eu, e a busca pelo prazer imediato substituiu os grandes projetos coletivos. O consumo deixa de ser apenas material e torna-se emocional, pois o indivíduo busca não apenas produtos, mas sim sensações, reconhecimento e amor⁸.

Entretanto, essa hipertrofia do eu, focada no narcisismo, gera paradoxalmente uma nova forma de vazio. As emoções se tornam superficiais e fugazes, e o medo da vulnerabilidade incentiva a fragmentação das relações. Como amar implica risco, a sociedade narcísica prefere a segurança da autonomia afetiva, o que torna os vínculos frágeis e facilmente substituíveis. As interações passam a ser regidas pela lógica do mercado: conectar, usufruir e, rapidamente, desconectar⁶⁻⁸.

Zygmunt Bauman identifica esse fenômeno como amor líquido, característico da modernidade que ele denomina líquida. As relações humanas, antes idealizadas como sólidas e duradouras, dissolvem-se na fluidez das conexões efêmeras. Nessa dinâmica, o compromisso duradouro é substituído pelo consumo de experiências interpessoais. Além disso, a identidade deixa de ser uma herança social para se tornar um projeto individual, construído, manipulável e, muitas vezes, descartável¹⁸.

As inter-relações se modificaram e se liquidificaram, perdendo a profundidade. O medo da vulnerabilidade distanciou as pessoas, impulsionando a busca pela independência afetiva e o forte desejo de viver e morar sozinho. O receio de se decepcionar ou de se apaixonar pelo outro amplia o casulo individual e invisível. Essas relações frívolas e rasas, em última análise, denunciam a dor de quem carrega o vazio interior⁸.

A incapacidade de sentir genuinamente assusta os indivíduos. A sociedade narcísica manifesta seus

sintomas de maneira distinta das neuroses firmadas pela psicanálise no século XIX, como histerias e fobias. Atualmente, o narcisismo é representado pela apatia de sentimentos, pelo mal-estar difuso e por um absurdo vácuo interior — a ausência daquilo que deveria existir no campo das emoções. Em um esforço de contenção, há uma aprovação social pela discrição sentimental: falar abertamente sobre a morte ou expor os próprios sentimentos profundos, é visto como uma atitude embaraçosa, que exige ser rapidamente neutralizada⁸.

O capitalismo antigo, propunha uma sociedade de trabalhadores, o capitalismo atual, reformula o ser humano como um consumidor. Nesse novo modelo, o consumismo extrapola a esfera das compras e invade as relações interpessoais, as quais, para o autor, são reduzidas a meras conexões. O que antes prometia durar “até que a morte os separe”, hoje começa e termina com a mesma facilidade e simplicidade de uma ligação telefônica. A questão central desse novo tipo de relação não reside na facilidade de iniciar algo limitado, mas sim na simples possibilidade de terminar, finalizar e desconectar sem maiores consequências⁶.

Nessa sociedade líquida, manifesta-se uma forte possibilidade de desconexão com as tradições, a família, os partidos políticos e até mesmo os ídolos em geral. A fluidez atua velozmente em todas as esferas, modificando inclusive o conceito de identidade. O que antes era herdado, hoje é ativamente procurado. Se antes uma pessoa carregava o nome ou o legado de seus pais como um fator identitário capaz de lhe imprimir sentido, hoje, tal como uma folha em branco, os indivíduos buscam ativamente construir sua própria identidade¹⁸.

O problema central é que a sociedade consumista jamais se satisfaz com o próprio consumo. A busca incessante pela identidade é mercantilizada e passa a ser regida pela lógica incansável do capitalismo, que impõe o desejo perpétuo de ter mais, sem nunca se contentar com o que já possui. O consumo, financiado pelo desejo, não tem fim e se manifesta como uma corrida em círculos sem linha de chegada. O indivíduo, nesse cenário, assentou-se no lugar de Deus e se tornou o autor absoluto de sua própria vida. Assim, a pessoa pode escolher ou deixar de escolher com base apenas em sua liberdade e consciência, desprezando as referências do divino, da família ou das tradições. O ego inflou de tal maneira que a completude se tornou impossível; afinal, o desejo compulsivo por “sempre mais” é a maior evidência do vazio humano subjacente⁶.

A instabilidade que afeta as relações afetivas também liquidificou o mundo corporativo, onde a relação entre empregador e empregado se tornou efêmera. Empresas podem fechar as portas e desempregar massivamente sem grandes entraves, e os empregos temporários e o meio período se tornaram a norma⁶. No século XXI, poucos desejam passar décadas em uma

única companhia. Essa aversão à solidez se reflete no aumento significativo do regime laboral autônomo e no desejo por estilos de vida como o de nômade digital, que busca ser o próprio chefe e viajar pelo mundo sem criar raízes. Um levantamento de 2021 constatou que 70% dos Microempreendedores Individuais (MEI) ativos no Brasil já tiveram carteira assinada, mas optaram pelo trabalho por conta própria¹⁹. Essa tendência se acelera com a tecnologia, como evidenciado pelo aumento de 130% de trabalhadores nesse novo ramo apenas nos Estados Unidos²⁰.

Essa fluidez generalizada, contudo, não ocorre sem consequências emocionais. A instabilidade do mundo levou a um aumento de quase 30% na procura por profissionais da área da psicologia no Brasil somente no ano de 2020²¹. O mundo se liquidificou de tal forma que as relações, que antes podiam perdurar, hoje se desmancham nas mãos humanas, restando apenas fragmentos de momentos. A sociedade parece caminhar em direção ao vazio, conectando e desconectando-se a todo instante. Tudo se tornou banal, fútil e descartável — inclusive a relação consigo mesmo — evidenciando ainda mais a dimensão desse vazio existencial⁶.

O consumo, portanto, extrapola o âmbito econômico: invade o emocional, o social e o existencial. O sujeito pós-moderno compra imagens de si mesmo e vende versões identitárias nas redes sociais, buscando validação constante. No entanto, quanto mais se exhibe, mais dependente se torna do olhar alheio — e mais distante de um sentido autêntico. Essa lógica líquida também se estende ao mundo do trabalho: vínculos profissionais instáveis, empreendedorismo compulsivo e nomadismo digital são manifestações da mesma fluidez que atinge os afetos. A autonomia idealizada converte-se em precariedade e solidão. O resultado é uma sociedade saturada de liberdade e empobrecida de vínculos. O narcisismo, ao inflar o ego, desintegra o coletivo; e o consumo, ao prometer felicidade, perpetua o vazio⁶⁻⁷⁻⁸.

Conclusão

O estudo desta pesquisa confirma que a crise de sentido na contemporaneidade não é um mero desajuste psicológico, mas sim o produto histórico e estrutural de uma trajetória civilizatória que se iniciou com o Iluminismo e culminou na pós-modernidade. A síntese das discussões revela que o vazio existencial manifesta-se como a consequência inevitável de um sistema que, ao romper com o eixo sagrado e absolutizar a razão instrumental, substituiu o sentido pela utilidade e o ser pelo ter. Este processo histórico, marcado pelos “golpes” no egocentrismo humano (Copérnico, Darwin, Freud, Marx), concedeu a autonomia tão almejada, mas impôs, em contrapartida, uma solidão ontológica sem

precedentes, que Viktor Frankl formalizou como a neurose noogênica – a frustração da vontade de sentido no homem.

Os principais achados do estudo demonstram que, na sociedade atual, essa solidão se traduz em mecanismos de preenchimento que apenas a exacerbam. Por um lado, a Sociedade de Desempenho do Han impõe o imperativo crônico da produtividade, onde o indivíduo é, simultaneamente, explorador e explorado de si mesmo. Esta autoexploração, disfarçada de liberdade, resulta na exaustão patológica e na busca por um doping social que nega a possibilidade de reflexão e contemplação, elementos vitais para a construção de sentido. Por outro lado, o narcisismo, potencializado pela Modernidade Líquida do Bauman e Lipovetsky, transforma as relações humanas em conexões frágeis e descartáveis. O consumo e a busca incessante por validação externa se tornam os pilares de uma identidade que, embora hiper visível, permanece fragmentada e inautêntica. A conclusão é que o consumo e o desempenho não são soluções para o vazio; são, paradoxalmente, as próprias estruturas que o constroem e o perpetuam.

É crucial reconhecer as limitações deste estudo, que se restringiu a uma análise teórica, abrangendo apenas autores ocidentais e seus diagnósticos da crise de sentido. O escopo não incluiu uma pesquisa empírica ou metodologias comparativas com culturas orientais, as quais poderiam oferecer outras perspectivas para a construção de sentido. Apesar disso, o trabalho estabelece uma base sólida para futuras perspectivas. Sugere-se que pesquisas subsequentes investiguem a eficácia de intervenções logoterapêuticas em contextos organizacionais e digitais, ou analisem o papel da educação humanística e da filosofia da contemplação como ferramentas pedagógicas para o resgate da interioridade e do propósito existencial. O desafio contemporâneo é, portanto, reverter o código cultural que transformou o desempenho em fê e o consumo em salvação. Somente a redescoberta de uma dimensão de sentido – que transcenda o eu e o utilitarismo – poderá reumanizar a vida e preencher o vazio deixado pela racionalidade desacompanhada da sabedoria.

Conflito de interesse

Os autores declaram não existir conflito de interesse.

Referências

- Hall S. A identidade cultural na pós-modernidade. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- Pedrosa A. A crise do humanocentrismo e a distribuição da língua(gem) para além do antropos: perspectivas pós-humanistas. *Trabalhos em Linguística Aplicada*. 2022 Mai./Ago.; 61 (2): 581-594.

- Lope IC. Giordano Bruno: entre o geocentrismo e o heliocentrismo. *Griot* 2014Jun; 9 (1).
- Zeni AB. Educação e Autonomia no Iluminismo. In: Congresso Internacional de Filosofia e Educação, CINFE, 2010.
- Frankl VE. A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia. 1.ed. São Paulo: Paulus, 2011.
- Bauman, Z. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.
- Han BC. Sociedade do cansaço. Petrópolis: Vozes, 2015.
- Lipovetsky G. A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. São Paulo: Edições 70, 2013.
- Martins M. De Darwin, de caixas-pretas e do surpreendente retorno do 'criacionismo'. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. 2001 Jan./Dez.; 08 (4): 899-918.
- Xausa IAM. A psicologia do sentido da vida. Petrópolis: Vozes, 2011.
- Alves A. Ciência, força produtiva e capital na crítica marxiana da economia política. *Projeto História*. 2007 Jun. (34): 277-288.
- Chagas F. A crítica da religião como crítica da realidade social no pensamento de Karl Marx. *Trans/Form/Ação: Revista de Filosofia*. 2017, Out./Dez.; 40 (4): 133-154.
- Silva RDL. O ceticismo da fê: Deus, uma dúvida, uma certeza, uma distorção. São Paulo: Ágape, 2018.
- De Barros, W. Sobre a autenticidade na filosofia de Sartre. *Argumentos*. 2010; 02 (3): 178-186, 2010.
- Frankl VE. A presença ignorada de Deus. 24.ed. Petrópolis: Vozes, 2022.
- Rocha A. Morte de Deus e libertação da metáfora: uma leitura da morte de Deus em F. Nietzsche a partir da filosofia da religião de G. Vattimo. *Revista de Teologia e Ciências da Religião (RICR)*. 2018 Jan./Jun.; 06 (1): 1-16.
- Carroll L. Alice no país das maravilhas. São Paulo: Mojo.org, 2019.
- Fragoso TO. Modernidade líquida e liberdade consumidora: o pensamento crítico de Zygmunt Bauman. *Perspectivas Sociais*. 2011 Mar.; 01 (1): 109-124.
- Sebrae. Brasil tem quase 15 milhões de microempreendedores individuais. Portal Sebrae.
- Jornal da Globo. Nômades digitais no mundo já somam 35 milhões, e estimativa é que cheguem a 1 bilhão até 2035: as estimativas mais recentes mostram que, nos Estados Unidos, eles já são quase 17 milhões de pessoas. *Globo Comunicação e Participações S.A.*
- Ulbra Canoas. Cresce a procura por apoio psicológico na pandemia: pesquisa indica que 29,33% dos brasileiros procuraram ajuda em 2020. Ulbra Canoas: Sala de Imprensa.